

Um teto para os juros da dívida

por Ângelo Bittencourt
de Salvador

Para evitar surpresas desagradáveis em relação às flutuações com as taxas de juros internacionais, seria razoável o estabelecimento de um teto para os juros da dívida externa brasileira, no entender do conselheiro do Unibanco, Marcílio Marques Moreira. Robert Keller, vice-presidente e diretor de pesquisas econômicas internacionais do Bank of America, ponderou que esta alternativa é possível em qualquer acordo de empréstimos, mas mostrou uma outra saída que seria a transferência de juros de recursos, a partir de um determinado volume, referentes a serviços da dívida para o final do pagamento caso a taxa de juros ultrapassasse um ponto preestabelecido pelos credores e devedores.

Ângelo Calmon de Sá, do Banco Econômico, concordou com a sugestão do conferencista norte-americano de transferência de juros para o futuro, ponderando que o Brasil já fez um esforço muito grande e tem demonstrado que pode arcar com o serviço da dívida desde que as condições sejam normais. "Não podemos, por outro lado, aceitar que os credores não queiram estabelecer um mecanismo de proteção contra as oscilações dos juros internacionais.